

O CIRCUITO CULTURAL DO SLAM MG: PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO LITERÁRIA PELAS MARGENS DA LITERATURA MINEIRA CONTEMPORÂNEA

[THE CULTURAL CIRCUIT OF SLAM MG: PRODUCTION, CIRCULATION AND LITERARY RECEPTION ON THE MARGINS OF CONTEMPORARY MINAS GERAIS LITERATURE]

LUIZ EDUARDO RODRIGUES DE ALMEIDA SOUZAⁱ

ORCID 0000-0001-5157-9372

Centro Federal de Educação Tecnológica – Belo Horizonte, MG, Brasil

CLARA CAROLINA OLIVEIRA DA COSTAⁱⁱ

ORCID 0000-0002-9797-5300

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Ipatinga, MG, Brasil

THAIS RAMOS CAVALHAISⁱⁱⁱ

ORCID 0000-0003-0493-3855

Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, MG, Brasil

FLAVIANE FARIA CARVALHO^{iv}

ORCID 0000-0002-0663-670X

Universidade Federal de Alfenas – Alfenas, MG, Brasil

Resumo: O artigo tem como objetivo fazer uma apresentação breve e inicial sobre o histórico do SLAM MG, que, ao longo de cinco anos de existência, contou com a participação de 30 comunidades de slam e cerca de 150 artistas de Minas Gerais. Mergulhamos numa análise sensorial da recepção estética da performance da poeta Iza Reis, que participou da classificatória final do SLAM MG em 2019, à luz das categorias de vocalidades poéticas com Paul Zumthor (2014) e das oralituras em performance com Leda Maria Martins (2021).

Palavras-chave: slam; circuito; poesia; periferia; recepção

Abstract: This article aims to make a brief and initial presentation about the history of SLAM MG which, in over five years of existence, had the participation of 30 slam communities and around 150 artists from Minas Gerais. We delve into a sensory analysis of the aesthetic reception of the performance of the poet Iza Reis, who participated in the SLAM MG final qualifier in 2019, in the light of the categories of poetic vocalities with Paul Zumthor (2014) and the oral performances with Leda Maria Martins (2021).

Keywords: slam; circuit; periphery, reception

Introdução

O movimento de slams inicia seu percurso em Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte, a partir de influências da cena de slams de São Paulo. Artistas do *Coletivo Sarau de Periferia* e do *Sarau Cabeçativa* viajaram à capital paulista em meados do ano de 2014 e realizaram a parceria de apadrinhamento do *Slam do 13*, construindo a primeira comunidade mineira da *poetry slam*: o *Slam Clube da Luta*. Nos anos seguintes, ocorreu uma efervescência cultural de criação de novas comunidades e coletivos praticantes desta diversidade de performances poéticas por cidades mineiras em outras regiões mineiras: Vale do Aço, Zona da Mata, Triângulo Mineiro e Vale do Mucuri. Com isso, aquela primeira ação comunitária da *poetry slam* brasileira, batizada como *Zap Slam*, fundada em 2008 pelo Núcleo São Bartolomeu de Depoimentos/Companhia de Teatro Hip-Hop, alcançava outros centros urbanos e capitais por todo o Brasil, pousando em 2014 nos morros de mares de Minas Gerais, seis anos depois do princípio de sua existência em terras brasileiras.

Assim, este artigo tem como objetivo fazer uma apresentação breve e inicial sobre o histórico do SLAM MG, que, ao longo de cinco anos de existência, contou com a participação de 30 comunidades de slam e cerca de 150 artistas de Minas Gerais. Considerando a complexidade, as características específicas e a história de cada comunidade que compõe o SLAM MG, localizadas, até o momento, em 17 cidades do estado, faz-se necessário uma pesquisa minuciosa para compor o histórico desse movimento em sua totalidade.

Antes da contextualização desse processo descritivo e histórico do SLAM MG, discorreremos sobre as conceitualizações de Roberta Estrela D'Alva (2014) em torno da *performance poetry slam* e seu circuito cultural no mundo, no Brasil e em Minas Gerais. Depois deste preâmbulo teórico abordando categorias aplicadas à cena literária dos slams, descreveremos a constituição histórica da comunidade SLAM MG, envolvendo 30 comunidades mineiras de slam ao longo dos anos, interconectando referências estéticas que permeiam essa prática cultural e política em seus *circuitos* e espaços urbanos.

Na sequência, mergulharemos numa análise sensorial da recepção estética da performance da poeta Iza Reis, que participou da classificatória final do SLAM MG em 2019, à luz das categorias de *vocalidades* poéticas com o teórico Paul Zumthor (2014) e das *oralituras* poéticas com Leda Maria Martins (2021b). Ao final, refletiremos sobre os elementos socioculturais das ações comunitárias e artísticas instauradas pelo circuito cultural do SLAM MG, cuja base constituinte são os coletivos literários periféricos à margem das forças hegemônicas que dominam o centro da produção literária mineira contemporânea.

1 Percursos e circuitos da *Poetry Slam* no mundo, no Brasil e em Minas Gerais

A *poetry slam* surgiu em meados de 1986 pelas mãos de Marc Kelly Smith, um artista e operário da construção civil da cidade de Chicago, no Estado de Illinois, situada na região centro-oeste dos Estados Unidos (D'ALVA, 2014, p. 109). Essa cidade estadunidense representa, então, a comunidade fundadora do movimento e da competição de poesia falada ou *spoken word*, expressão em inglês que é reconhecida pelos frequentadores da cena e do circuito em mais de 500 comunidades no mundo.

Marc Smith foi um dos artistas desta primeira comunidade de slam no mundo, batizada de *Uptown Poetry Slam*, em um bairro de trabalhadores da zona norte de Chicago. A *poetry slam* é considerada pelos frequentadores uma competição de *spoken word* com o intuito de estimular a democratização da literatura oral, uma vez que tal *performance* poética se constituiu em um “contraponto aos fechados e assépticos círculos acadêmicos” (D'ALVA, 2014, p. 110) do campo e do mercado literário estadunidense. A palavra *slam* é apropriada dos torneios de *baseball* e *briged*, designando, primeiramente, a *performance* poética, e, depois, a competição de poesia falada.

No Brasil, o slam chega na primeira década dos anos 2000. Era 2008 quando surgia, sob organização do Núcleo São Bartolomeu de Depoimentos – precursora companhia de Teatro Hip-Hop –, o pioneiro *ZAP Slam* no bairro Pompéia, na capital paulista. A comunidade inauguradora da cena brasileira de slam segue aquele contraponto crítico ao elitismo hegemônico no sistema literário brasileiro.

Mas a *performance* poética-política já era cultivada e praticada pelos saraus marginais nas periferias de São Paulo desde 2001 – ou pelo *Coletivoz Sarau de Periferia*, de Belo Horizonte, Minas Gerais, desde 2008 – quando surge o *Sarau da Cooperifa*, que se transformou no marco precursor desse movimento conectado à Literatura Marginal Periférica contemporânea.

A *Cooperifa* e o *Coletivoz* são reconhecidos por se tornarem a faísca inspiradora deste atual levante incendiador das vozes, corpos e oralituras oriundas das classes populares moradoras de favelas, quebradas, cárceres e periferias em vários centros urbanos do Brasil. Soma-se a esses saraus, notadamente históricos, a publicação das edições especiais da *Revista Caros Amigos*, pela editora Casa Amarela, nos anos de 2001, 2002 e 2004, cuja iniciativa curadora foi de Ferréz, rapper e escritor do movimento *IdaSul*, morador da favela Capão Redondo, na zona sul paulista, um dos territórios berço da Cultura Hip-Hop no Brasil dos anos 1980.

2 O circuito das comunidades dos slams em Minas Gerais

O SLAM MG é um movimento que reúne comunidades de slam existentes em Minas Gerais e se caracteriza como uma etapa classificatória para a competição em nível nacional, onde representantes do estado participam do SLAM BR, que, por sua vez, classifica um representante do Brasil para competições em nível mundial.

Para além do aspecto da competição, o SLAM MG possui um papel de articulação de diversas comunidades de slam em Minas Gerais, formando uma rede estadual dos movimentos culturais e artísticos de poesia urbana, marginal e periférica. Cada comunidade do estado possui características, influências e referências literárias e culturais específicas, assim como a motivação para sua existência. O encontro realizado pelo evento SLAM MG possibilita a formação de um fluxo literário periférico consistente e diversificado, propiciando um intercâmbio entre as comunidades.

A poesia falada do slam possui uma íntima relação com a cena cultural do Hip Hop, ocupando espaços urbanos para a realização de eventos. Nesse sentido, Freitas salienta:

[...] percebemos que os limites entre rap e poesia, entre hip-hop e literatura marginal sempre foram tênues, suas fronteiras são constantemente borradas pelos artistas e pelo público em suas práticas. Seus frequentadores e personagens compõem uma cena grande

e heterogênea, mas relacionam-se entre si, migram entre linguagens, se interconectam. (FREITAS, 2018, p. 15)

A *Slam Poetry* se encontra com o Hip Hop em Nova Iorque e se espalha pelo mundo em diversas comunidades. No Brasil, a viralização de vídeos do *Slam Resistência*, na praça Roosevelt, um local importantíssimo para o movimento Hip Hop, marcou uma geração da Batalha de Poesia Falada, servindo de inspiração para a construção de diversas comunidades.

O movimento Hip Hop é atravessado por um conceito central definido pelo DJ Afrika Bambaataa, fundador da Zulu Nation, como o *quinto elemento*: sabedoria, cultura e aceitação. O que configura-se como a filosofia do movimento e, mais que isso, como um movimento cultural que une as práticas artísticas de Mestre de Cerimônia (MC), de Disc-Jóquei (DJ), de grafite e de breaking a um modo de fazer comunitário, em que a prática cultural é realizada por meio do resgate ancestral ligado à coletividade. Analisando as construções literárias apresentadas nos slams, pode-se notar a dimensão simbólica criada pelo quinto elemento, uma vez que as poesias percorrem temáticas específicas do cotidiano de quem narra, compromissadas com a coletividade e com a transformação social.

O SLAM MG é caracterizado como etapa classificatória de representantes do estado no SLAM BR e ocorre anualmente, desde 2017. Ao longo de cinco anos, o movimento contou com a participação de 30 comunidades de slam, representando 17 cidades de Minas Gerais: Belo Horizonte, Conselheiro Lafaiete, Itabira, Ituiutaba, Ipatinga, Ibirité, Juiz de Fora, Patrocínio, Patos de Minas, Sacramento, Sarzedo, Teófilo Otoni, Timóteo, Uberaba, Uberlândia, Vespasiano e Viçosa. Mas mesmo antes do ano de 2017, em que teve início o SLAM MG, o estado já contava com comunidades ativas de slam que, desde 2014, integram o circuito SLAM BR.

Sob influência do movimento de slam já bastante solidificado na cidade de São Paulo, surgiu, em 2014, o *Slam Clube da Luta*, primeira comunidade de slam de Minas Gerais, acontecendo tradicionalmente às últimas quintas-feiras de cada mês, no Teatro Espanca, situado em território importante para o movimento Hip Hop da cidade de Belo Horizonte, palco do Duelo Nacional de MC's. Além disso, o *Clube da Luta* foi motivado pela vontade e necessidade de proporcionar novos espaços para o encontro de pessoas através da poesia, na cidade de Belo Horizonte. Nesse momento, o movimento

de saraus urbanos, iniciado no ano de 2008, já possuía expressividade em BH e região metropolitana, ocupando bares e espaços públicos para que as pessoas recitassem poesias.

No primeiro ano de existência do *Slam Clube da Luta*, foi possível perceber o potencial desse movimento, uma vez que o poeta classificado para representar a comunidade no SLAM BR, João Paiva, vence a competição em nível nacional, tornando-se o representante do Brasil na Copa do Mundo de Slam, que aconteceu na cidade de Paris, na França, no ano de 2015. João Paiva, que é poeta marginal, MC e educador, foi classificado, simultaneamente, nos anos de 2014 e 2015 para representar o *Slam Clube da Luta* na competição nacional, o SLAM BR.

No ano de 2016, além da atuação do *Slam Clube da Luta* em Minas Gerais, novas comunidades surgiram, dando corpo e força ao movimento realizado no estado e trazendo as primeiras discussões sobre a necessidade organizacional de criação de um slam em nível estadual. Nesse ano, cada um dos quatro slams existentes em Minas Gerais, quais sejam, *Clube da Luta* (Belo Horizonte), *Slam'ternas* (Belo Horizonte), *Slam Trincheira* (Ibirité) e *Slam A Rua Declama* (Timóteo), classificou um representante, que participou do circuito do SLAM BR no mês de dezembro. Os poetas foram, respectivamente: Nívea Sabino, Zi Reis, João Paiva e Thabata Cristina.

De forma tímida, ainda nesse ano, a organização do *Slam Clube da Luta* propôs a realização do primeiro SLAM MG, sem caráter classificatório para a etapa nacional, com o objetivo de proporcionar o encontro de poetas que participaram dos quatro slams existentes no estado, pela celebração da poesia e difusão do movimento em espaços ainda não ocupados da cidade de Belo Horizonte. O evento ocorreu no hall do Sesc Palladium e ainda contou com a participação do recém-criado *Slam da Estação* (Sarzedo), que apesar de não ter participado do circuito do SLAM BR, nesse mesmo ano já mostrou a potência que viria nos anos seguintes.

Em 2017, o movimento de slams se expandiu em Minas Gerais e, a partir disso, foi necessária a criação do SLAM MG, a fim de classificar os representantes do estado para a competição do SLAM BR. O primeiro SLAM MG, criado pela organização do *Slam Clube da Luta*, de caráter classificatório no circuito nacional, foi realizado no Grande Teatro do Sesc Palladium e contou com a participação de 11 slams: *Slam Clube da Luta* (Belo Horizonte); *Slam Estação* (Sarzedo); *Slam Trincheira* (Ibirité);

Slam 'ternas (Belo Horizonte); *Slam Valores* (Belo Horizonte); *Slam das Manas* (Belo Horizonte); *Slam A Rua Declama* (Timóteo); *Slam Ondaka* (Uberaba); *Slam A Rosa do Povo* (Itabira); *Slam A verdade Seja Dita* (Vespasiano) e *Slam Ágora* (Juiz de Fora). Nesse ano, três poetas foram classificados para participar do circuito nacional, o SLAM BR: Jazz, representando o *Slam das Manas*; Wellington Sabino, representando o *Slam Ondaka* e Laura Conceição, representando o *Slam Ágora*.

No ano de 2018, o SLAM MG contou com a participação de 17 slams do estado. Devido à quantidade de comunidades participantes, o evento dividiu-se em dois dias: o primeiro, composto pela competição em chaves eliminatórias, ocorreu no Teatro Espanca, enquanto o segundo, a grande final, realizou-se novamente no Grande Teatro do Sesc Palladium de Belo Horizonte. Duas pessoas foram classificadas para representar o SLAM MG como poetas no circuito Nacional, SLAM BR: Pieta Poeta, representando o *Slam Clube da Luta* e Gislaine Reis, representando o *Slam das Manas*. Nesse ano, o poeta Pieta venceu a competição em nível nacional e foi o representante do Brasil na Copa do Mundo de Slam, que ocorreu em Paris, em 2019.

Os seguintes slams participaram do circuito SLAM MG em 2018: *Slam Clube da Luta* (Belo Horizonte); *Slam da Estação* (Sarzedo); *Slam 'ternas* (Belo Horizonte); *Slam Ondaka* (Uberaba); *Slam Ondaka Poemas curtos* (Uberaba); *Slam A Rosa do Povo* (Itabira); *Slam Verdade Seja Dita* (Vespasiano); *Slam Valores* (Belo Horizonte); *Slam Akewí* (Viçosa); *Slam Duamô* (Uberaba); *Slam Recitando Vidas* (Teófilo Otoni); *Slam Abaeté* (Uberlândia); *Slam Avoa Amor* (Belo Horizonte); *Slam Ativista* (Conselheiro Lafaiete) e *Slam Do viaduto pra cá* (Belo Horizonte).

A edição do SLAM MG de 2019 contou com a participação de 15 comunidades de slam do estado e ocorreu em dois dias, no Teatro Espanca, sendo o primeiro composto por chaves eliminatórias e o segundo pela grande final. Nesse ano, três pessoas foram classificadas para representar Minas Gerais na competição nacional: Iza Reys, representando o *Slam Clube da Luta*; Jazz, representante do *Slam das Manas* e Poeta Vênus, *Slam Avoa Amor*. Os seguintes slams compuseram essa edição: *Slam Duamô* (Uberaba); *Slam Akewí* (Viçosa); *Slam Trincheira* (Ibirité); *Slam Do viaduto pra cá* (Belo Horizonte); *Slam Ativista* (Conselheiro Lafaiete); *Slam Batalha da Ágora* (Juiz de Fora); *Slam para Carolina* (Sacramento); *Slam Ondaka* (Uberaba); *Ondaka poemas curtos* (Uberaba); *Slam Recitando Vidas* (Teófilo Otoni); *Slam das Manas*

(Belo Horizonte); *Slam Akewi* (Ipatinga); *Slam Avoa Amor* (Belo Horizonte); *Slam Ágora* (Juiz de Fora) e *Slam Clube da Luta* (Belo Horizonte).

As edições dos anos de 2020 e 2021 do SLAM MG foram marcadas pela ausência do encontro presencial, em decorrência da pandemia de COVID-19, acontecendo em formato on-line, transmitido ao vivo pelo canal do SLAM MG na plataforma *Youtube*, com divulgação nas redes sociais e articulação pelo *WhatsApp*. O novo formato foi utilizado pelas comunidades de slam em suas edições ao longo desses dois anos, não só em nível estadual, mas também em nível nacional e mundial. A mudança repentina ocasionou dificuldades: desde a falta de acesso à internet para participação como espectador, poeta ou organizador, até a falta de motivação para a produção dos eventos on-line, por diversos motivos, ocasionada pelo momento pandêmico. O período foi marcado pela paralisação das atividades de algumas comunidades e também pelo surgimento de novos slams. O formato on-line permitiu a aproximação entre as comunidades, propiciando também a participação de poetas que não residiam na cidade natal de um determinado slam, onde anteriormente aconteciam os eventos de forma presencial. Isso ampliou as referências, trocas e experiências entre poetas, comunidade e públicos.

A edição de 2020 contou com a participação de 19 comunidades de slam do estado de Minas gerais, sendo as seguintes: *Slam Ondaka* (Uberaba); *Slam Ondaka poemas curtos* (Uberaba); *Slam Virtual Confraria dos Poetas* (Juiz de Fora); *Slam Poético da Ágora* (Juiz de Fora); *Slam Recitando Vidas* (Teófilo Otoni); *Slam Batalha da Ágora* (Juiz de Fora); *Slam do Ponto* (Patrocínio); *Slam Abaeté* (Uberlândia); *Slam Duamô* (Uberaba); *Slam Akewí* (Ipatinga); *Slam Akewí das Minas* (Ipatinga); *AfroSlam* (Belo Horizonte); *Slam Phatos* (Patos de Minas); *Slam Do viaduto pra cá* (Belo Horizonte); *Slam Clube da Luta* (Belo Horizonte); *Slam Zumbi dos Palmares* (Ituiutaba); *Mais um Slam* (Juiz de Fora); *Slam Ativista* (Conselheiro Lafaiete) e *Slam para Carolina* (Sacramento). Nesse ano, as pessoas representantes do Slam MG na competição nacional, Slam BR, foram: Tay, representando o *Slam poético da Ágora*; Nega Preto, representando o *Mais um Slam* e Inza, representando o *AfroSlam*.

Em 2021, participaram do Slam MG 14 comunidades de slam: *Ondaka* (Uberaba); *Slam Virtual da Confraria dos Poetas* (Juiz de Fora); *Slam para Carolina* (Sacramento); *Slam Ondaka poemas curtos* (Uberaba); *Slam Recitando Vidas* (Teófilo Otoni); *Slam*

Griot (Juiz de Fora); *Slam Poético da Ágora* (Juiz de Fora); *Slam Clube da Luta* (Belo Horizonte); *Slam Zumbi* (Ituiutaba); *Slam Akewí* (Viçosa); *Slam Batalha da Ágora* (Juiz de Fora); *Slam Ativista* (Conselheiro Lafaiete); *Slam Duamô* (Uberaba) e *Mais um Slam* (Juiz de Fora). Nesta edição, as pessoas classificadas como representantes do estado foram: Vênus, representante do *Slam Ativista*; Gustavo Arranjus, representando o *Slam Recitando Vidas* e Sophia Bispo, representando o *Slam Batalha da Ágora*.

A produção e transmissão on-line se tornou a ferramenta mais expressiva do meio cultural no contexto da pandemia. No entanto, sabe-se que para que os eventos remotos sejam bem-sucedidos são necessários equipamentos e apoio técnico para as transmissões. Além disso, é importante considerar as limitações dos algoritmos nas redes e a expressiva falta de apoio financeiro no setor cultural. Todos esses fatores podem explicar a diminuição da atuação e da participação das comunidades na última edição do SLAM MG.

A categoria analítica de *circuito* proposta por Magnani pode ser utilizada para se compreender o circuito do Slam de Poesia Falada em Minas Gerais, que está territorialmente próximo ao circuito do Hip Hop, ocupando bares *undergrounds*, espaços culturais e espaços públicos nos centros urbanos e nas periferias para a prática cultural exercida:

Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais: por exemplo, o circuito gay, o circuito dos cinemas de arte, o circuito neo-esotérico, dos salões de dança e shows black, do povo-de-santo, dos antiquários, dos clubbers e tantos outros. (MAGNANI, 2002, p. 23-24)

O circuito do Slam de Poesia Falada em Minas Gerais articula comunidades de contextos sociais, culturais e políticos distintos. Coletivos independentes que produzem, organizam, circulam poesia em seus respectivos territórios, com as mesmas regras: poesias autorais, de até três minutos, sem acompanhamento musical ou figurinos, só com seu corpo e com sua voz. Mas, sobretudo, esses coletivos possuem uma mesma intenção: cultura, sabedoria e aceitação, o quinto elemento, a filosofia da rua. A produção realizada pelos SlamMasters (organizadores das comunidades) se preocupa com as questões demandadas pelo território, enfatizando, no valor da palavra, as múltiplas narrativas de corpos marginalizados. O poeta deixa de ser uma figura central e

individualizada para incorporar em sua narrativa a voz de milhares de histórias semelhantes à que narra. Assim, “O slam é feito pelas e para as pessoas. Pessoas que, apropriando-se de um lugar que é seu por direito, comparecem em frente a um microfone para dizer quem são, de onde vieram e qual o mundo em que acreditam (ou não)” (D’ALVA, 2011, p. 125).

3 A recepção das performances poéticas no Slam MG de 2019

A partir desta visão e ação artística do indivíduo poeta reverberada em vozes e corpos coletivas, olharemos e escutaremos a *poetry performance slam* de Iza Reis, uma das poetas classificadas no SLAM MG 2019, sendo uma das representantes mineiras no SLAM BR em dezembro daquele último ano de eventos presenciais do circuito literário à margem do campo cultural contemporâneo brasileiro. Para alcance desta escuta e mirada sobre as poéticas da voz da artista belo horizontina Iza Reis, vamos esculpir alguns fragmentos espaciais e temporais do SLAM MG. Assim, como nos provocou Martins (2021), buscaremos transmitir de alguma forma a interdependência entre nosso ouvir e olhar na recepção das poéticas desta artista, pois,

Essa interdependência é relevante e convida à expansão não apenas de nossos olhares, mas também de nossa capacidade de ouvir e de toda a nossa percepção sensorial, pois a escuta das imagens é uma das entradas para o universo em que os movimentos, os sons, as luminosidades e os aromas têm cores e desenham paisagens de saberes, âmbito privilegiado das oralituras. (MARTINS, 2021b, p. 77-78)

Nossas orelhas e olhos se voltaram, inicialmente, para as oralituras de Iza Reis por meio da percepção do espaço e cenário urbano ocupado pelo Slam MG no ano de 2019, que foi o Teatro Espanca, localizado na mancha cultural do baixo-centro da capital mineira Belo Horizonte. Este habitat convive com os transeuntes dos arredores da praça da Estação, do Centro de Referência da Juventude, da estação central do metrô e do trem (MG-ES) e do ponto de baldeação de ônibus do move intermunicipal. O anfiteatro da companhia teatral Espanca está situado na rua Aarão Reis (um dos pensadores da arquitetura da capital), debaixo do Viaduto Santa Teresa, cuja significação cultural é reconhecida pelos frequentadores da Cultura Hip-Hop desde 2007, pois é onde acontece o Duelo de MCs nacional.

O movimento cênico negro contemporâneo do Espanca nasceu por volta do ano de 2010, acompanhando um conjunto de ocupações urbanas culturais que vinham desembocando dos territórios periféricos nesta marcha/circuito cultural do baixo-centro de BH e de outras partes desse espaço da cidade. Outro exemplo deste feixe luminoso de ocupações culturais urbanas é a retomada do Carnaval de Rua, desde 2009, ou da resistência lendária do Quarteirão do Soul, que se realiza desde meados do fim da década de 1990 na Praça Sete e em outras quebradas não institucionalizadas pelo poder das políticas públicas para o setor cultural mineiro.

É nesse contexto das culturas periféricas ocupando a marcha cultural do baixo-centro de BH que o SLAM MG 2019 se construiu, depois de ter acontecido num espaço da elite cultural institucionalizada da cidade, o Sesc Palladium, nos anos de 2016, 2017 e 2018. Essa ação comunitária em parceria com o Teatro Espanca foi cultivada pelo slam pioneiro de Minas Gerais, o *Clube da Luta*, desde 2014. Na esteira dessa associação estratégica com o movimento teatral, outras coletivas de saraus e slams ocuparam a arena desse teatro simbólico para as lutas dos movimentos sociais periféricos, artísticos e/ou políticos: juventudes, negros, lgbtqia+, mulheres etc. Recordamos, neste processo memorial do Slam MG/2019, da final do *Slam das Manas*, quando o Jazz Orimauá se classificou como representante da referida coletiva para a etapa estadual do circuito de produção literária pelas bordas do cânone da literatura brasileira.

Assim como Jazz Orimauá, Iza Reis saiu campeã da comunidade do slam *Clube da Luta* na última e tradicional quinta-feira do mês de setembro de 2019. Iza enfrentou poetas competidores como Anárvore, Vênus Sunêv, Oliver Lucas, dentre outros reconhecidos artistas do itinerário histórico da cena poética dos slams mineiros. Esta artista, poeta e contadora de histórias é moradora do bairro Califórnia, periferia da zona Noroeste de BH. Desses pés fincados em territórios longe do centro da cidade, a própria Iza se apresenta no folder do Slam BR/2019:

Descendente por parte de mãe do norte de minas (Montes Claros) e por parte de pai quilombola do Quilombo de Pinhões (Santa Luzia). Moro em Belo Horizonte (noroeste), através de minha janela das pregas da minha chinela eu transcrevo a realidade das favelas e das mulheres pretas na sociedade brasileira. (SLAM BR, 2019, p. 10)

Desde a mini-biografia de Iza Reis, já poderíamos abrir os ouvidos para escutar a potência forma-força de sua intervenção e performance poética, que presenciamos no evento do SLAM MG, nos dias 26 e 27 de outubro daquele ano de 2019, realizado na arena do Teatro Espanca, com chão quadriculado em preto e branco, paredes claras, desenhadas a lápis com imagens de toda a diversidade de identidades afro-brasileiras e mineiras. O palco da arena do Espanca recebia o SLAM MG naquele derradeiro final de semana de outubro, após a construção de três rodadas, no mínimo, de cada uma das 15 comunidades de slam que se faziam presente com sua slammer campeã.

A maioria das competidoras que disputaram as três chaves classificatórias no sábado eram mulheres, jovens e adultas entre 15 e 35 anos de idade. Naquele sábado, o suor dos slammers transbordou temáticas ácidas por suas salivas poéticas em nossas orelhas de frequentadores desse circuito cultural em marcha à deriva. Com a tempestade que caía, a luz até faltou, num sábado de tantas bombas vocalizadas e lançadas pelas bocas dos artistas, a ponto de os produtores do SLAM MG terem que acender várias velas para iluminar nossas almas, atravessadas pelas críticas a toda forma de opressão social vivida por nossas corpos-políticas naquelas mais de seis horas, entre tarde e noite, das três eliminatórias para a grande final. Esta, ocorrida no dia seguinte, domingo, coincidiu, por acaso, com a etapa final do Duelo de MCs, organizado pelo coletivo Família de Rua, debaixo do Viaduto Santa Tereza.

Os poetas slammers finalistas classificados para a grande final naquele domingo do dia 27 de outubro de 2019 foram: Wellington Sabino (*Slam Ondaka*/Uberaba); Lelê Cirino (*Slam Do Viaduto Pra Cá*/BH); Pouca Sombra (*Slam Ativista*/Conselheiro Lafaiete); Vênus Sunêv (*Slam Avoa Amor*/BH); Jazz Orimauá (*Slam das Manas*/BH) e Iza Reis (*Slam Clube da Luta*/BH). Para nossa análise sensorial e etnográfica proposta para este artigo, escolhemos uma das poesias recitadas por Iza Reis, na terceira rodada ou round da finalíssima do Slam MG/2019, na arena do Teatro Espanca.

3.1 Performance e Oralitura da poeta Iza Reis

Os fragmentos etnográficos¹ esculpidos acima compõem as espacialidades, temporalidades e sonoridades que circundam o registro audiovisual e a transcrição da

¹ Parte destes dados etnográficos sobre o Slam MG de 2019 foram registrados na pesquisa de campo da tese de doutorado em estudos de linguagens em fase de redação final do autor Luiz Eduardo Rodrigues de Almeida Souza no CEFET-MG.

letra, voz e gestos da poeta Iza Reis, moradora da periferia noroeste de BH. Nossos corpos de ouvintes, produtores, artistas e estudiosos deste/neste circuito cultural de slams, saraus e batalhas de mc's estão, também, implicados na leitura literária e sensorial junto a este recorte de uma das diversas poéticas de Iza Reis. Ela própria nos cedeu a letra de seu poema, de modo que a disposição da grafia está conforme a autora nos disponibilizou para fins da leitura descritivo-analítica que desenvolvemos adiante.

Concebemos a performance como um ato de comunicação poética de copresença, coparticipação, de natureza antropológica por seu momento único (ZUMTHOR, 2014), daqueles que ali participaram do Slam MG/2019, no dia 27 de outubro. Essa concepção de performance poética toma como ponto de partida a recepção sensorial entre os participantes e frequentadores, imediatizados no ato de transmissão poética entre emissores/enunciadores, obra/performance e receptores/leitores, sob a égide luminosa daquelas frestas espaço-temporais do contexto sociocultural do território onde o acontecimento deste evento de *poetry slam* se concretizou. Estes feixes sonoros e gestuais do slam coadunam com aspectos urbanos antropológicos, uma vez que,

por um lado, às condições de expressão, e da percepção, por outro, *performance* designa um ato de comunicação como tal; refere-se a um momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes implicados nesse ato de maneira imediata. (ZUMTHOR, 2014, p. 51)

Nesse processo interlocucional da *performance* do *slammer*, a voz transmite temas que traduzem cargas poéticas responsáveis por sustentar a *concretização e recepção estética* dos versos, pois “são indissolavelmente ligadas aos efeitos semânticos, as transformações do próprio leitor, transformações percebidas em geral como emoção pura, mas que manifestam uma vibração fisiológica” (ZUMTHOR, 2014, p. 54). Esse leitor se transforma, ao participar da *performance*, no ouvinte do jogo poético do slam, que emite vibrações físicas e reações emocionais, uma vez que “percebemos a materialidade, o peso das palavras, sua estrutura acústica e as reações que elas provocam em nossos centros nervosos. Essa percepção, ela está lá” (ZUMTHOR, 2014, p. 55).

Essa percepção e recepção estética da performance que vivemos na pele quando presenciamos a intervenção poética de Iza Reis na final do Slam MG, aproximamos da perspectiva expansiva de Martins (2021a), na medida em que apreendemos o jogo e

ritualização de múltiplas linguagens instauradas pela afrocorpografia da slammer. Percebemos a voz corporificada de Iza Reis a partir da concepção da teórica, poeta, cantora e dramaturga Martins, a respeito do que são as *Oralituras* em performance:

[...] matizando nesse termo a singular inscrição do registro oral que, como *littera*, “letra”, grafa o sujeito no território narratário e enunciativo de uma nação, imprimindo, ainda, no neologismo, seu valor de litura, “rasura” da linguagem, alteração significativa, constituinte da diferença e da alteridade dos sujeitos, da cultura e das suas representações simbólicas. (MARTINS, 2021a, p. 25)

Iza Reis, então, iniciou sua oralitura em performance demarcando seu lugar de narradora matizado no território das culturas afro-brasileiras, com uma abertura cantada e dialogada com as tradições negras que reexistem culturalmente no Brasil. Porém, estas culturas, assim como os corpos negros, são assassinadas, apagadas, silenciadas, pela violência do racismo, como foi a história do capoeirista mestre Moa, reverenciado na introdução da letra poética de Iza Reis, realidade que, como dito em um dos versos da autora, “são estatísticas históricas não senso comum”: “Aí, aí, aeeee...toca bonito que eu quero aprender !!! / Aí, aí, aeee...ô mestre Moa cantei pra você !!!”. Nessa epígrafe-homenagem ancestral de abertura, Iza Reis se utiliza de um canto tonificado nos timbres rítmicos das matrizes filosóficas-religiosas dos africanos escravizados pelos colonizadores portugueses no Brasil. A toada da voz de Iza nos recorda muitas vocalidades do cancionário da música popular brasileira, que foi firmemente calcada nas riquezas culturais de várias etnias: Iorubás, Nagô, dentre outras. Esse modo de abrir uma intervenção poética com canto e música é uma prática recorrente e escolhida pelos artistas no/do circuito literário dos slams. Desse canto de entonação ancestral, Iza Reis continua a declamação de sua letra:

1549 propagavam-se em tal missão o homem que em nome de Deus matou espanco estrupo e
endemonio as outras religião
Pastor Marco feliciano engole essa suposição
A maldição da África foi plantada pela colonização
São estatísticas históricas não senso comum
Vai queimar um por um no inferno
Já que vocês o invento pra manipular poder
Por cada cabloco que foi pro toco sem saber o porque
Que conceito cês que me impor
Se os meus cês não respeita
Não escuto papa, padre pastor porque se a Bíblia e voz de Deus a parte de amar e respeita o
próximo ses oculto
E Silas Malafaia não a homossexualidade que tem tratada e a pedofilia atrás do altar quem tem que
ser retratada

Ao final desse último verso, a audiência – composta por frequentadores, leitores e transeuntes do espaço do Teatro Espanca, naquele domingo de final de Duelo de MCs – vibrou com a rima crítica às instituições religiosas do cristianismo que discriminam as tradições afro-brasileiras e promovem preconceitos aos corpos homoafetivos lgbtqi+.

Talvez essas rimas assonantes, anafóricas, com críticas sociais a nomes de pessoas e instituições que alimentam discursos de ódio, possam ser ouvidas, vistas e lidas pelos participantes a partir do uso de técnicas da música rap conhecidas como “puntline” que interferem na emoção e reação do público.

Ignorância sem vergonha
Enche o filho de mcdonald e criminaliza a maconha
Ignorância cruel
propagam conservadorismo
E limpam a bunda com o dinheiro dos fiéis
Avisa pro seu candidato frágil que as notícias não mente, são nas famílias tradicionais brasileiras
Onde as mães e filhas são espancadas e violentadas diariamente
São umas piada inerente
Vou dou aula de física pra ver se entendem
Efeito e causa
Quem Planta preconceito racismo e diferença não pode reclamar da violência
Mais Porque invés da morte engatilhada não arma a população da educação e das oportunidades de se integrar
Porque preferem ferir o respeito esmagam minha auto estima e se apropriam do meu conceito
Eu queria parar de falar o que já deveriam ter entendido
Mais é tudo preta feia fedida e sem cabelo nué mesmo Duda Silva mais entendo deve ser difícil aceitar se moda e cabelo liso grande nossa irmãs até careca faz padrão engasgar
Se aproximam-se pra se apropriar
Não somos mula pra ser exótica E estilosas vocês vão que aceitar originais sem cópia no pique da conka
Viemos pra tombar os mundinho de beleza onde Kardashians são referência eu invoco as ovelha negra pra fazer diferença
minha missão é supracitar
Nem que eu tenha que rasgar a KuKluxKlan no meio pra mostrar que a fisionomia seja diferente todo sangue e o mesmo
Minha liberdade que está jogo!!!
Fascista bom é fascista pegando fogo!!!

A perspectiva social da letra e voz deste poema em performance-ação de Iza Reis poderia ser interpretada por múltiplas encruzilhadas de críticas aos fascismos de pessoas/instituições conservadoras, cuja recorrência ainda é, infelizmente, viva na sociedade brasileira. As oralituras de Iza tamborilam e movem as ondas deste emaranhado de violências colonizadoras da branquitude, as quais se conectam com todas as formas e modos de violências racistas, transfóbicas, classistas etc. As vozes, corpos, gestos e afrografias oraliturizadas em performance por Iza Reis representam e

significam a ágora política engendrada por cada particularidade territorial de cada slam espalhado por Minas Gerais.

Considerações finais

O Circuito Cultural do SLAM MG se apresenta como uma cena expressiva de literatura no estado de Minas Gerais, tornando a poesia um elemento acessível a distintas comunidades e indivíduos desse espaço geográfico, considerando que a maior parte do universo literário existente, ainda hoje, possui aspectos elitistas. A própria característica – poesia falada, que não precisa ser escrita – propicia que pessoas que não tiveram acesso à alfabetização, por exemplo, se tornem parte do corpo de um movimento literário.

A partir da análise histórica da construção da comunidade SLAM MG, percebe-se como esse movimento se constituiu de forma orgânica, moldado pelas 30 comunidades de slam atuantes no estado, cada qual com sua peculiaridade regional e especificidade cultural. O movimento se mostra, assim, um corpo vivo com constantes modificações a cada edição, com a inserção de novas comunidades carregadas de novas oralituras, por meio de poetas com vivências, referências e formas de expressões distintas, transformando esse movimento, o SLAM MG, em uma trama literal e cultural heterogênea.

Como citado no início deste artigo, foi realizada aqui uma descrição inicial, considerando a dimensão desse movimento que reuniu 30 comunidades de slam e mais de 150 poetas, desde os primeiros passos da comunidade SLAM MG. Essa descrição foi realizada por meio da coleta de informações orais, registros encontrados nas redes sociais, registros documentais e fotográficos. O trabalho pode ser considerado, portanto, um compilado de informações sobre o tema que pode se tornar um ponto de partida, um norte para a realização de pesquisas mais abrangentes.

Referências bibliográficas

D'ALVA, Roberta Estrela. *Teatro Hip-Hop*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena. *Synergies Brésil*, n. 9, p. 119-126, 2011.

FREITAS, Daniela Silva de. *Ensaio sobre o rap e o slam na São Paulo contemporânea*. Rio de Janeiro, 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *RBCS*, v. 17, n. 49, 2002.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o Reinado do Rosário do Jatobá*. 2. ed., rev. e atual. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021a.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021b.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. San Pablo: Cosac Naify, 2014.

Recebido em 01/03/2022

Aceito em 16/05/2022

ⁱ **Luiz Eduardo Rodrigues de Almeida Souza** é licenciado em Letras pela Universidade Federal de Viçosa e mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Está doutorando em Estudos de Linguagens no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Educação Federal Tecnológica de Minas Gerais e pesquisa a formação de leitores/escritores por meio de performances poéticas de sarau/slam como letramentos literários de reexistência. Trabalhou em Estágio Sanduíche na Universidad de Buenos Aires (UBA) entre outubro de 2018 e março de 2019 com apoio do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior da CAPES. É poeta, músico e um dos produtores culturais do Coletivo Sarau de Periferia de Belo Horizonte-MG. **E-mail:** luizeduardordealmeidasouza@gmail.com

ⁱⁱ **Clara Carolina Oliveira da Costa** é Cientista Social pela Universidade Federal de Viçosa e mestranda em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Possui experiência na pesquisa com abordagem antropológica estudando o movimento Hip Hop, com a temática específica da poesia cantada e falada enquanto elementos da oralidade e musicalidade afro brasileira associada aos movimentos de rua: Saraus, Batalhas de MCs e Batalha de Poesia Falada. Idealizadora e Produtora da Batalha de Poesia Falada na rua e na escola no Slam Akewí em Ipatinga e Viçosa, Minas Gerais. Produtora cultural do Slam MG em Belo Horizonte-MG. Diretora da Produtora Cultural Babylon By Black. **E-mail:** clara.costa4p@gmail.com

ⁱⁱⁱ **Thaís Ramos Carvalhais** é natural de Belo Horizonte/MG é bacharel em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atua na área de patrimônio cultural desde 2012, participou da construção do Slam Clube da Luta (BH), Slam Estadual de MG e Slam Interescolar de MG. **E-mail:** thaiscarvalhais90@gmail.com

^{iv} **Flaviane Faria Carvalho** é graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa, mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais, e doutora em Linguística Aplicada pela Universidade de Lisboa. Tem experiência nas áreas de Linguística Aplicada e Comunicação Social, atuando nos seguintes temas: semiótica social, análise crítica do discurso, multiletramentos, gêneros textuais e assessoria de comunicação. É Professora Adjunta do Curso de Letras da Universidade Federal de Alfenas e investigadora do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (UnB), do Grupo de Estudos em Multiletramentos, Leitura e Textos (UFES) e do Grupo de Pesquisas Linguísticas Descritivas, Teóricas e Aplicadas (UNIFAL-MG). **E-mail:** flaviane.carvalho@unifal-mg.edu.br